

**PATRICIA
CORNWELL**

RESTOS MORTAIS

Tradução
CELSO NOGUEIRA

**B
B
B
B**

Copyright © 1992 by Patricia Cornwell

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL All That Remains

CAPA Milena Galli

FOTO DE CAPA Mari Juliano

PREPARAÇÃO Isabel Jorge Cury

REVISÃO Gabriela Morandini e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cornwell, Patricia

Restos mortais / Patricia Cornwell ; tradução Celso Nogueira. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: All That Remains.

ISBN 978-85-65530-28-6

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) I. Título.

13-01857

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana
813.0872

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

1

Sábado, último dia de agosto. Comecei a trabalhar antes do amanhecer. Não testemunhei a névoa abandonar a grama nem o céu tornar-se azul-brilhante. As mesas de aço inox passaram a manhã ocupadas por cadáveres, e não há janelas no necrotério. O fim de semana do Dia do Trabalho na cidade de Richmond começara com um monte de acidentes de carro e tiroteios.

Só consegui voltar para minha casa, na zona oeste da cidade, às duas da tarde. Bertha passava um pano no chão da cozinha, a julgar pelo barulho. Ela fazia a faxina aos sábados e fora instruída havia muito tempo a não atender o telefone, que por sinal começava a tocar.

“Não estou em casa”, falei bem alto, abrindo a geladeira.

Bertha parou de esfregar. “Tocou faz um minuto”, disse. “E pouco antes também. O mesmo homem.”

“Não tem ninguém em casa”, repeti.

“Como quiser, doutora Kay.” E o pano novamente se moveu no piso.

Tentei ignorar a mensagem incorpórea da secretária eletrônica que invadia a cozinha ensolarada. Os tomates Hanover, que no verão nunca faltavam, viravam preciosidade com a chegada do outono. Só restavam três. Onde estaria o salpicão de frango?

Uma voz masculina familiar soou após o sinal. “Doutora? É Marino...”

Meu Deus, pensei, fechando a porta da geladeira com o quadril. Pete Marino, detetive de homicídios da polícia de Richmond, passara a noite de plantão e eu o havia encontrado no necrotério enquanto removia os projéteis cravados em um de seus casos. Ele pretendia passar o que sobrava do fim de semana pescando no lago Gaston. Eu pretendia cuidar do jardim.

“Andei tentando falar com você, mas já estou de saída. Tente entrar em contato comigo pelo meu pager...”

A voz de Marino soava ansiosa. Tirei o telefone do gancho.

“Pode falar.”

“É você ou a maldita secretária eletrônica?”

“Adivinhe”, rebati.

“Más notícias. Acharam outro carro abandonado. New Kent, área de descanso da Sessenta e Quatro, rumo oeste. Benton acabou de me avisar...”

“Outro casal?”, interrompi-o, esquecendo os planos que havia feito para o dia.

“Fred Cheney, sexo masculino, branco, dezenove. Deborah Harvey, sexo feminino, branca, dezenove. Foram vistos pela última vez na noite passada, por volta das oito, quando saíram da casa de Deborah, em Richmond. Pretendiam ir a Spindrifft.”

“E o carro está na pista que vai para o *oeste*?”, perguntei, pois Spindrifft, na Carolina do Norte, fica a três horas e meia de distância de Richmond, a leste.

“Isso. Parece que eles iam no sentido oposto, de volta para a cidade. Um guarda rodoviário descobriu o carro, um Jeep Cherokee, faz uma hora. Nem sinal dos jovens.”

“Estou a caminho”, falei.

Bertha não parou de passar o pano no chão, mas eu sabia que ela havia ouvido cada palavra.

“Vou embora assim que terminar aqui”, ela disse, tentando me tranquilizar. “Trancarei tudo e ligarei o alarme. Não se preocupe com nada, doutora Kay.”

O medo percorria meus nervos enquanto eu apanhava a bolsa e seguia apressada em direção ao carro.

Até aquele momento, já eram quatro casais. Todos haviam desaparecido, e acabaram sendo encontrados num raio de noventa quilômetros de Williamsburg. Todos mortos.

Os casos, apelidados pela imprensa de “mortes duplas”, eram inexplicáveis, e pelo jeito ninguém tinha pistas ou uma teoria plausível. Nem mesmo o FBI, apesar do Programa de Detenção de Criminosos Violentes.

tos, conhecido como Vicap, que dispunha de um banco de dados em escala nacional instalado num computador com inteligência artificial capaz de relacionar pessoas desaparecidas com corpos não identificados e descobrir crimes em série. Depois que os corpos dos primeiros casais foram encontrados, havia uns dois anos, uma equipe regional do Vicap, formada pelo agente especial Benton Wesley, do FBI, e pelo experiente detetive Pete Marino, do departamento de Homicídios de Richmond, foi convidada pela polícia local a participar das investigações. Outro casal sumiu, e mais outro. A cada ocorrência, quando o Vicap era notificado e o NCIC, ou Centro Nacional de Informação Criminal, enviava mensagens com a descrição das vítimas às delegacias do país inteiro, os adolescentes desaparecidos já estavam mortos, decompondo-se em algum lugar no meio do mato.

Desliguei o rádio, passei pelo pedágio e acelerei na I-64 Leste. Imagens e vozes voltavam-me subitamente à lembrança. Ossos e roupas podres espalhados entre as folhas secas. Rostos atraentes, sorridentes, dos adolescentes desaparecidos, divulgados pelos jornais. Famílias atônitas, desesperadas, eram entrevistadas pelas emissoras de televisão e telefonavam para mim.

“Lamento muito o que aconteceu com a sua filha.”

“Por favor, conte como minha filhinha morreu. Ah, meu Deus! Ela sofreu muito?”

“A causa da morte não pôde ser determinada, senhora Bennett. Não há mais nada que eu possa dizer, por enquanto.”

“Como assim? Você *não sabe*?”

“Só o que resta são ossos, senhor Martin. Quando os tecidos mais moles desaparecem, os possíveis ferimentos também somem...”

“Não quero ouvir essa lenga-lenga de médico! Quero saber como meu filho morreu! A polícia veio perguntar a respeito de drogas! Meu filho nunca tomou um porre na vida. Drogas, então, nem se fale! Está ouvindo, doutora? Ele está morto, e andam dizendo que era um bandido qualquer...”

“LEGISTA-CHEFE PERDIDA: Dra. Kay Scarpetta é incapaz de determinar a causa da morte.”

Indeterminada.

Outra vez, e mais outra. Oito jovens.

Era horrível. Na verdade, tratava-se de uma situação, para mim, sem precedentes.

Todo médico-legista tem casos de morte indeterminada, mas eu nunca soube de tantos que estivessem relacionados.

Abri o teto solar e graças ao tempo meu estado de espírito melhorou um pouco. A temperatura beirava os trinta graus, mas logo as folhas começariam a mudar de cor. Eu só não sentia falta de Miami no outono e na primavera. Os verões em Richmond eram tão quentes quanto os de lá, mas sem o alívio da brisa marítima que mantinha o ar fresco. A umidade era medonha. No inverno a situação não melhorava nada — eu odeio o frio. A primavera e o outono, no entanto, eram inebriantes. Deixei que a atmosfera me impregnasse, subisse direto à cabeça.

A área de descanso às margens da I-64, na comarca de New Kent, situava-se a exatos cinquenta quilômetros de minha casa. Não diferia de nenhuma outra área similar na beira da pista, na Virgínia, com mesas de piquenique, churrasqueiras e barris de madeira para o lixo. Havia banheiros de tijolo aparente, máquinas automáticas e árvores recém-plantadas. Mas não se viam viajantes nem motoristas de caminhão, apenas carros de polícia por toda parte.

Um policial rodoviário, suado e sério em sua farda cinza-azulada, aproximou-se de mim quando estacionei perto do toalete feminino.

“Sinto muito, senhora”, ele disse, abaixando-se para pôr a cabeça na altura da janela aberta. “Esta área está fechada hoje. A senhora precisa seguir em frente.”

“Doutora Kay Scarpetta”, identifiquei-me, desligando o motor. “A polícia me convocou.”

“Com que objetivo, senhora?”

“Sou a legista-chefe”, respondi.

Ele me encarou, e notei o lampejo de ceticismo em seus olhos. Imagino que não estivesse muito com jeito de “chefe”. Vestia saia de brim desbotado, blusa de algodão rosada e sapato baixo de couro. Não me apresentara com os signos ostensivos da minha autoridade, como o carro oficial, que esperava pneus novos na oficina estatal. À primeira vista eu parecia uma yuppie não muito jovem passeando de Mercedes

cinza-escuro, uma loura acinzentada a caminho do shopping center mais próximo.

“Preciso ver sua identidade.”

Vasculhando a bolsa, encontrei a carteira preta de couro e mostrei o distintivo de latão. Em seguida, entreguei a carteira de motorista. Ele examinou os documentos por muito tempo. Notei seu constrangimento.

“Pode deixar o carro aqui mesmo, doutora Scarpetta. O pessoal que a senhora procura está lá no fundo.” Ele apontou para o estacionamento de ônibus e caminhões. “Tenha um bom dia”, acrescentou, atrapalhado, ao se afastar.

Segui pelo caminho de tijolos. Depois de contornar o prédio e passar sob as árvores deparei com mais viaturas policiais, um guincho com luzes coloridas que piscavam e pelo menos doze homens, fardados ou à paisana. Só vi o Jeep Cherokee vermelho quando já estava praticamente em cima dele. Na metade da rampa de saída, o veículo saíra da pista e descera um pouco, ficando oculto pela folhagem. Duas portas, coberto por uma camada de poeira. Quando olhei pela janela do motorista vi que o estofamento de couro bege estava muito limpo. Atrás havia várias malas; a bagagem fora bem arrumada, ao lado do esqui tipo slalom, de uma corda amarela de náilon para esqui e de uma caixa térmica de plástico vermelho e branco. A chave balançava no contato. O vidro estava parcialmente abaixado. Eram claramente visíveis, no declive gramado, as marcas fundas dos pneus. A grade frontal, cromada, afundara um pouco entre os pinheiros.

Marino conversava com um sujeito louro, que se apresentou como Jay Morrell, da polícia estadual. Eu não o conhecia. Dava a impressão de estar no comando.

“Kay Scarpetta”, falei, uma vez que Marino me identificou apenas como “a doutora”.

Morrell voltou as lentes verde-escuras do Ray-Ban para mim e moveu ligeiramente a cabeça, em cumprimento. Sem farda, exibindo um bigode que mais parecia uma penugem adolescente, ele ostentava o ar arrogante e onipotente que eu atribuía a investigadores novatos.

“Até agora, sabemos o seguinte.” Ele olhava em volta, nervoso. “O jipe pertence a Deborah Harvey. Ela e o namorado, Fred Cheney, saíram

da casa de Deborah ontem à noite, por volta das oito. Iam para Spindrifft, onde a família Harvey tem uma casa de praia.”

“A família de Deborah Harvey estava em casa quando o casal saiu de Richmond?”, indaguei.

“Não, senhora.” Ele virou os óculos escuros para mim por um momento. “A família já estava em Spindrifft, tinha saído mais cedo. Deborah e Fred quiseram ir em outro carro porque planejavam voltar a Richmond na segunda-feira. Os dois são estudantes universitários na Carolina e precisavam voltar antes para se prepararem para retornar às aulas.”

Marino explicou, puxando um cigarro: “Pouco antes de sair de casa, ontem à noite, eles ligaram para Spindrifft, dizendo a um dos irmãos de Deborah que estavam de partida. Pretendiam chegar entre meia-noite e uma da manhã. Como eles não apareceram até as quatro, Pat Harvey chamou a polícia”.

“Pat Harvey?” Olhei para Marino, incrédula.

O policial Morell encarregou-se de responder. “É isso aí. Hoje vai ser um dia e tanto, pelo jeito. Pat Harvey já está a caminho. Um helicóptero foi buscá-la” — ele consultou o relógio — “há cerca de meia hora. O pai, Bob Harvey, viajou. Foi para Charlotte a negócios, pretendia ir para Spindrifft amanhã. Pelo que sabemos, ainda não foi avisado. Não sabe o que aconteceu.”

Pat Harvey chefiava o Programa Nacional de Combate às Drogas, e a imprensa a chamava de diretora da Cruzada Antidrogas. Nomeada pelo próprio presidente, capa da revista *Time* havia pouco tempo, a sra. Harvey era uma das mulheres mais poderosas e admiradas dos Estados Unidos.

“E quanto a Benton?”, perguntei a Marino. “Ele sabe que Deborah Harvey é filha de Pat Harvey?”

“Ele não comentou nada a esse respeito. Quando ligou, havia acabado de pousar em Newport News — o Bureau o mandou para cá de jato. Disse que tinha pressa, precisava alugar um carro. Não conversamos muito.”

Isso respondia minha pergunta. Benton Wesley não seria mandado para o local na hora, em avião do FBI, se eles não soubessem quem era Deborah Harvey. Tentei imaginar a razão pela qual ele não avisou Marino, seu parceiro no Vicap, e procurei indícios no rosto amplo e impassível

vel do investigador. Ele flexionava os músculos da mandíbula, o alto da cabeça calva estava avermelhado, coberto por gotículas de suor.

Morell prosseguiu. “O negócio é o seguinte: tenho alguns homens na estrada, desviando o trânsito. Já examinamos os banheiros, andamos um pouco por aí, só para garantir que os dois não estão por perto. Assim que o pessoal de Busca e Salvamento chegar, vamos começar a vasculhar o mato.”

Imediatamente ao norte do capô do jipe, o jardim bem cuidado da área de descanso dava lugar a moitas e árvores que, cem metros adiante, se adensavam bastante, a ponto de não permitir que se visse algo além do sol batendo nas folhas e uma águia voando em círculos sobre os pinheiros distantes. Embora shopping centers e condomínios fechados la-deassem a I-64, aquele trecho entre Richmond e Tidewater permanecera até agora intocado. A paisagem, que no passado eu considerava tranquila e repousante, agora chegava a me revoltar.

“Merda”, Marino reclamou, quando nos afastamos de Morrell e começamos a andar pelo local.

“Lamento que tenha perdido a pescaria”, falei.

“É. Mas acaba sendo sempre assim, não é? Planejei essa viagem durante vários meses. Furou outra vez. Nenhuma novidade.”

“Notei que a rampa de acesso, na beira da estrada”, prossegui, ignorando a irritação dele, “se divide imediatamente em duas rampas. Uma delas dá aqui e a outra na frente da área de descanso. Em outras palavras, os acessos têm mão única. Não dá para ir até a parte da frente, destinada aos carros, depois mudar de ideia e voltar para cá, a não ser percorrendo um trecho considerável na contramão, correndo o risco de bater em alguém. Além disso, aposto que havia muito movimento na estrada ontem à noite; segunda-feira é Dia do Trabalho.”

“Certo. Sei disso. Não precisa ser nenhum gênio para deduzir que alguém pretendia jogar o jipe exatamente onde ele está, pois provavelmente havia muitos carros estacionados na parte da frente ontem à noite. Portanto, segui pelo acesso para ônibus e caminhões. Aposto que aqui estava deserto. Ninguém o viu, e depois ele caiu fora.”

“Talvez ele quisesse que o jipe fosse encontrado logo. Isso explicaria ter posto o carro fora do caminho”, falei.

Marino olhou para o mato e disse: “Estou ficando velho demais para essas coisas”.

Marino tinha mania de reclamar, costumava chegar à cena do crime agindo como se não quisesse estar ali. Já trabalhávamos juntos havia muito tempo, eu estava acostumada com seu jeito. No entanto, dessa vez sua atitude me pareceu mais sincera. Sua frustração era mais intensa do que a normalmente provocada pelo cancelamento de uma pescaria. Talvez tivesse brigado com a mulher.

“Ora, ora”, ele resmungou, olhando para o prédio de tijolos. “O cavaleiro solitário chegou.”

Virei o rosto para ver a figura familiar de Benton Wesley emergir do banheiro masculino. Ele mal disse “oi” ao se aproximar de nós com o cabelo grisalho úmido nas têmporas e a lapela do paletó azul respingada como se tivesse acabado de lavar o rosto. Com os olhos impassíveis fixos no jipe, tirou os óculos escuros do bolso de cima e colocou-os no rosto.

“A senhora Harvey já chegou?”, perguntou.

Marino respondeu: “Ainda não”.

“E quanto aos repórteres?”

“Nenhum”, Marino disse.

“Ótimo.”

A boca de Wesley estava contraída, rígida. Assim, tornava sua face angulosa mais dura e inatingível do que de costume. Eu o consideraria atraente, não fosse a armadura que o revestia. Era impossível saber o que pensava ou sentia, e recentemente ele dominara ao máximo a arte de ocultar sua personalidade, a ponto de eu achar que não o conhecia.

“Queremos manter essa história em segredo enquanto for possível”, ele prosseguiu. “Assim que a notícia correr, vai ser um deus nos acuda.”

“O que sabe a respeito do casal, Benton?”, perguntei.

“Muito pouco. Depois que a senhora Harvey comunicou o desaparecimento, nesta madrugada, ela ligou para a casa do diretor, que telefonou para mim. Pelo jeito, a filha e Fred Cheney se conheceram na Carolina e saem juntos desde o primeiro ano de faculdade. Os dois são jovens saudáveis, corretos, pelo que sabemos. Nenhum dos dois tem um histórico de problemas que sugiram envolvimento com pessoas suspeitas — se-

gundo a senhora Harvey. Percebi, porém, certa ambivalência da parte dela quanto ao relacionamento dos dois. Acha que Cheney e sua filha passam tempo demais juntos.”

“Possivelmente o motivo real para a ida à praia em carros separados”, falei.

“Sim”, Wesley concordou, olhando em torno. “É mais do que provável que esse tenha sido o real motivo. Pelo que o diretor disse, fiquei com a impressão de que a senhora Harvey não gostou da ideia de Deborah levar o namorado a Spindrifft. Preferia estar apenas com a família. A senhora Harvey sempre passa a semana em Washington D.C., então praticamente não viu a filha e os dois filhos durante o verão. Franca-mente, acho que Deborah e a mãe não estavam se dando muito bem nos últimos tempos. Talvez tenham até discutido antes da saída da família para a Carolina do Norte, na manhã de ontem.”

“E quanto à possibilidade de fuga? O casal pode ter dado no pé”, Marino disse. “Eles eram espertos, né? Liam jornais, assistiam ao noticiário na tv. Devem ter visto a matéria especial sobre os casais desaparecidos na semana passada. Quer dizer, eles provavelmente tinham bastante informação sobre os casos. Quem garante que não estão aprontando alguma? Seria um jeito bem malandro de encenar o desaparecimento e de quebra castigar os pais.”

“Essa é uma das várias possibilidades que devemos levar em consideração”, Wesley retrucou. “E mais uma razão para que eu prefira manter a imprensa longe do caso enquanto for possível.”

Morrell se juntou a nós enquanto caminhávamos pela rampa de saída, novamente em direção ao jipe. Uma picape azul-clara com traseira fechada estacionou. Um homem e uma mulher usando agasalhos esportivos e botas desceram. Abrindo a porta traseira, soltaram dois cães farejadores ofegantes, que balançavam o rabo. Eles prenderam correias longas às argolas metálicas dos cintos de couro que usavam na cintura e seguraram os cães pelas coleiras.

“Salty, Neptune, quietos!”

Eu não soube distinguir qual cachorro era um e qual era outro. Os dois pareciam enormes. Eram beges, com caras enrugadas e orelhas moles que balançavam. Morrell riu e estendeu a mão.

“Como vão, garotos?”

Salty — ou talvez Neptune — retribuiu o cumprimento com uma lambida e começou a esfregar a cabeça em sua perna.

Os treinadores dos cães eram de Yorktown; chamavam-se Jeff e Gail. Gail, tão alta quanto seu companheiro, parecia forte como ele. Fez com que eu me lembrasse de mulheres conhecidas, do tipo que passa a vida na fazenda. Rosto crestado pelo sol e trabalho duro. Exibem uma paciência impassível originada da compreensão da natureza e da aceitação de suas dádivas e castigos. Ela liderava a equipe de resgate. Notei, pela maneira como olhava para o jipe, que procurava indícios de contaminação da cena do crime, e portanto dos odores.

“Ninguém tocou em nada”, Marino disse a ela, abaixando-se para acariciar um dos cães atrás da orelha. “Ainda nem abrimos as portas.”

“Sabe se alguém entrou no carro? A pessoa que o encontrou, talvez?”, Gail perguntou.

Morrell deu as explicações: “O número da placa foi transmitido pelo aparelho telegráfico e soltaram os BOLOS no início da manhã de hoje...”

“Que história é essa de BOLO?”, Wesley o interrompeu.

“Be On the Lookouts.”*

Wesley manteve a expressão de granito enquanto Morrell falava, entediado: “A polícia estadual não se reúne na central. Por isso, nem sempre o pessoal vê as mensagens de alerta. Eles entram nos carros e vão embora. Os operadores soltaram os BOLOS pelo rádio na hora em que recebemos a comunicação do desaparecimento do casal. Por volta de uma da manhã um motorista de caminhão viu o jipe e nos avisou pelo rádio. O policial que atendeu o chamado disse que nem chegou perto. Só espiou pela janela para ver se tinha alguém lá dentro”.

Torci para que fosse verdade. Muitos policiais, mesmo os mais experientes, não resistem à tentação de abrir portas e revistar o porta-luvas, para descobrir a identidade do proprietário.

Puxando os dois cães pelas correias, Jeff levou-os para fazer as necessidades no mato enquanto Gail perguntava: “Vocês têm alguma coisa que os cães possam farejar?”.

* Aviso transmitido pelo rádio. Literalmente, “estejam em alerta”. (N. T.)

“Pedimos a Pat Harvey que trouxesse uma peça de roupa usada por Deborah recentemente”, Wesley disse.

Se por acaso a descoberta de quem era a mãe da moça desaparecida impressionou Gail, ela não demonstrou nada. Continuou olhando para Wesley, à espera de mais informações.

“Ela vem de helicóptero”, Wesley acrescentou, consultando o relógio. “Deve chegar a qualquer momento.”

“Bom, espero que não pouse aqui com aquele monstro”, Gail comentou, aproximando-se do jipe. “Não queremos que nada interfira no local.” Olhando pela janela do motorista, ela estudou a parte interna das portas e o painel, detendo-se em todos os detalhes do interior do veículo. Recuando um pouco, examinou detidamente o trinco de plástico preto na parte externa da porta.

“Acho que a melhor chance está nos assentos”, decidiu. “Salty vai farejar um deles e Neptune o outro. Antes disso, porém, precisamos entrar sem estragar o local. Alguém tem uma caneta ou um lápis?”

Wesley retirou a esferográfica Mont Blanc do bolso da camisa e entregou a ela.

“Preciso de mais uma”, ela disse.

Curiosamente, ninguém mais tinha caneta. Nem eu. Poderia jurar que havia uma dentro da bolsa.

“Um canivete serve?”, Marino disse, enfiando a mão no bolso da calça jeans.

“Perfeito.”

Com a caneta numa das mãos e o canivete do Exército suíço na outra, Gail pressionou o botão da fechadura enquanto puxava o trinco externo da porta do motorista. Em seguida, puxou a porta com a ponta da bota e a abriu cuidadosamente. Enquanto isso, ouvi o ruído leve mas inconfundível das hélices de um helicóptero que se aproximava.

Pouco depois um Bell Ranger sobrevoou a área de descanso e parou no ar feito uma libélula, provocando um pequeno furacão no solo. Seu som abafou tudo, balançando as árvores e ericando a grama com um vento poderoso. Olhos se fecharam. Gail e Jeff agacharam-se ao lado dos cães, segurando-os pela coleira.

Marino, Wesley e eu nos afastamos, seguindo na direção do prédio,

e de lá acompanhamos a descida violenta. Por um instante, enquanto o helicóptero tocava o solo lentamente, em meio ao barulho ensurdecedor dos motores em alta rotação e do vento que provocavam, vi Pat Harvey observar do alto o jipe da filha. Em seguida, o sol bateu no vidro, que refletiu imediatamente.

Ela correu para longe do helicóptero, abaixando a cabeça, com a saia revoando e batendo na perna, enquanto Wesley esperava a uma distância segura das pás que desaceleravam. Sua gravata esvoaçava por cima do ombro feito uma echarpe de aviador.

Antes de ser nomeada diretora do Programa Nacional de Combate às Drogas, Pat Harvey fora promotora pública em Richmond e depois promotora federal no Distrito Leste da Virgínia. Na esfera federal, acusara traficantes do alto escalão, em casos que eventualmente envolveram vítimas autopsiadas por mim. Contudo, jamais fui chamada a testemunhar; meus relatórios apenas foram anexados aos autos dos processos. A sra. Harvey e eu não nos conhecíamos pessoalmente.

Na televisão e nas fotos dos jornais ela exibia ares de executiva. Ao vivo, era feminina e surpreendentemente atraente, esguia. O sol produzia reflexos dourados e vermelhos no cabelo castanho curto que emoldurava o rosto bem-proporcionado. Wesley encarregou-se das apresentações, rapidamente. A sra. Harvey nos apertou as mãos com a polidez e a segurança de um político experiente. No entanto, não sorriu nem trocou olhares com ninguém.

“Eu trouxe uma camiseta”, explicou, entregando a Gail um saco de papel. “Encontrei-a no quarto de Debbie, na praia. Não sei quando a usou, mas creio que não foi lavada recentemente.”

“Quando sua filha esteve na praia pela última vez?”, Gail perguntou, sem abrir o saco.

“No início de julho. Passou o fim de semana lá com algumas amigas.”

“Tem certeza de que foi ela quem usou esta camiseta? De que não a emprestou a uma das amigas?”, Gail perguntou distraidamente, como se indagasse a respeito do tempo.

A pergunta pegou a sra. Harvey de surpresa, e um lampejo de dúvi-

da passou por seus olhos azul-escuros. “Não tenho certeza absoluta.” Ela limpou a garganta. “Supus que Debbie tivesse sido a última a usá-la, mas obviamente não posso garantir. Eu não estava lá.”

Ela olhou para a porta aberta do jipe, fixando a atenção na ignição por um instante. Um C prateado brilhava no chaveiro. Por algum tempo ninguém disse nada, e pude notar seu esforço para controlar a emoção. Tentava afastar o pânico, negando a dor.

Virando-se para nós, ela disse: “Debbie carregava sempre uma bolsa. De náilon, vermelha. Tipo esportivo, com fecho de velcro na aba. Não a encontraram dentro do carro, por acaso?”

“Não, senhora”, Morrell respondeu. “Pelo menos, não vimos nada parecido até agora. Só olhamos pela janela. Não podíamos revistar o interior enquanto os cães não chegassem.”

“Creio que estaria no banco da frente. No chão, talvez.”

Wesley resolveu interferir. “Senhora Harvey, sabe se sua filha levava muito dinheiro?”

“Dei-lhe cinquenta dólares para pôr gasolina e comer. Não sei se tinha mais do que isso”, ela respondeu. “Claro, ela tinha cartões de crédito. E talão de cheques.”

“Sabe quanto havia em sua conta bancária?”, Wesley perguntou.

“O pai deu um cheque a ela, na semana passada”, a mãe respondeu, objetiva. “Para a faculdade — livros, essas coisas. Calculo que já tenha sido compensado. Imagino haver cerca de mil dólares na conta corrente.”

“Talvez seja melhor a senhora verificar”, Wesley sugeriu. “Para termos certeza de que o dinheiro não foi sacado recentemente.”

“Farei isso agora mesmo.”

Observando tudo, não muito longe dali, percebi que a esperança abria espaço em seu coração. A filha tinha dinheiro vivo, cartões de crédito e acesso ao dinheiro depositado em conta corrente. Aparentemente, não deixara a bolsa no jipe, e portanto ainda a levava consigo. Ou seja, talvez ainda estivesse viva, com saúde, divertindo-se por aí com o namorado.

“Sua filha já ameaçou fugir de casa com Fred?”, Marino perguntou, sem rodeios.

“Não.” Olhando novamente para o jipe, ela acrescentou aquilo em que gostaria de acreditar. “Mas não quer dizer que isso seja impossível.”

“Como estava o estado de espírito dela na última vez em que se falaram?”, Marino continuou.

“Trocamos palavras duras ontem, antes que meus filhos e eu saíssemos para viajar”, ela respondeu, num tom distanciado, neutro. “Ela estava brava comigo.”

“Ela sabia a respeito dos casos da região? Dos casais desaparecidos?”, Marino perguntou.

“Sim, claro. Conversamos a respeito, fizemos conjecturas. Ela sabia.”

Gail disse a Morrell: “Precisamos começar a busca”.

“Boa ideia.”

“Só mais uma coisa.” Gail olhou para a sra. Harvey. “Tem ideia de quem estava dirigindo?”

“Fred, com certeza”, ela respondeu. “Quando saíam juntos, era ele quem costumava guiar.”

Aquiescendo, Gail disse: “Acho que vou precisar da caneta e do canivete outra vez”.

Ela apanhou os dois objetos com Wesley e Marino, deu a volta até o lado do passageiro e abriu a porta. Depois puxou um dos cães farejadores pela correia. Animado, o cachorro se levantou e passou a se mover em perfeita harmonia com a treinadora, farejando, retesando os músculos sob a pele frouxa reluzente. As orelhas pendiam, pesadas, como se estivessem cheias de chumbo.

“Vamos, Neptune. Ponha seu faro maravilhoso em ação.”

Observamos em silêncio, enquanto ela conduzia o focinho de Neptune para o banco do passageiro, no qual supostamente Deborah Harvey se sentara na véspera. De repente, o cachorro ganiu como se tivesse visto uma cascavel e desceu correndo do jipe, praticamente arrancando a correia da mão de Gail. Depois, enfiou o rabo entre as pernas e eriçou o pêlo. Um arrepio percorreu minha espinha.

“Calma, querido, calma.”

Trêmulo, sem parar de ganiar, Neptune agachou-se e defecou na grama.